

LITERATURAS FEMININAS AFRO-DIASPÓRICAS NA CONTEMPORANEIDADE: ENFOQUES E PERSPECTIVAS

Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

Resumo: O presente artigo apresenta aspectos, enfoques e perspectivas teórico-críticas de literaturas afro-diaspóricas femininas, em espaços geopolíticos específicos das Américas na contemporaneidade. A partir de precisa apresentação, joga-se o foco nas literaturas afro-americana, afro-brasileira e caribenha de língua inglesa, e conclui, dentro do campo das perspectivas, com breve debate sobre a poesia *slam*.

Palavras-chave: Literaturas afro-diaspóricas. Literaturas femininas. Afro-América. Afro-Brasil. Américas. Literaturas do Caribe negro de língua inglesa. Contemporaneidade. *Slam Poetry*.

Abstract: This article presents theoretical-critical aspects, approaches, and perspectives of women-authored afro-diasporic literatures, in specific geopolitical spaces in the Americas today. After a precise introduction, it throws light on African American, Afro-Brazilian, as well as English Caribbean literatures, and concludes, in the field of the perspectives, with a brief debate about slam poetry.

Keywords: Afro-diasporic literatures. Women-authored literatures. Black America. Afro Brazil. Americas. English Caribbean black literatures. Contemporaneity. *Slam poetry*.

Trabalhando na Universidade com a temática em foco desde o final da penúltima década do século XX, quando poucos eram os pares e a literatura canônica de matriz branca, masculina e eurocêntrica dominava estudos e pesquisas, múltiplos são os enfoques e as perspectivas que nos ocorrem ao abrir este artigo. Formando gerações, levantando pensamento crítico, iniciando pesquisa sobre as

literaturas afro-americana e afro-brasileira, e levando textos primários e críticos, desconhecidos pelos estudantes, para as salas de aula de graduação e especialização, e na sequência, a partir do ano 2000, para as de pós-graduação *stricto sensu* também, acolhemos as primeiras gerações chegadas com as cotas raciais, à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no início das ações afirmativas, há exatos vinte anos, em 2003.

Ao amadurecer reflexão e debater de forma assertiva, nos fóruns universitários pertinentes, a impossibilidade de se seguir com currículos eurocêntricos para um corpo discente afrodescendente, fomos, aos poucos, alargando horizontes e introduzindo Estudos Afro-diaspóricos na Universidade, ao mesmo tempo em que presenciávamos e vivíamos avanços, ano a ano, da década de 1990 até os dias de hoje, passando pela autoria da primeira tese de doutorado na Academia Brasileira sobre Conceição Evaristo, no ano 2000 até chegar a mais uma participação, em mesa plenária neste julho de 2023, do Congresso da ABRALIC, em Salvador, Bahia, que teve como tema “A Literatura Comparada e a invenção de um mundo comum”, momento em que se debateram amplamente projetos estéticos, políticos e éticos em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual, a partir, particularmente, de textos da literatura feminina negra.

Contribuindo para a revisão dos cânones, as autoras pretas se destacam ao abordar temáticas que retratam a dura face do racismo, colaboram com sua arte para o avanço das lutas igualitárias e de reconhecimento social e político das desigualdades, ampliando a discussão de temas cada vez mais recorrentes nos discursos identitários das literaturas mundo afora, seja em textos publicados, seja em manifestações orais de poesia *slam*, por exemplo. E quem são tais autoras?

Pertencem a grupos mapeados e descritos em obras como as de Davies (1995), e que expressam emoções massacradas, silenciadas e oprimidas por muitos séculos. Pertencentes a uma linha matricial de mulheres negras que nascem da exclusão, da pobreza, da desigualdade social, na Literatura, entre seus temas, encontramos a descrição do território, a escrita com reforço nos sujeitos com a criação de personagens sem reforçar estereótipos, e o feliz encontro com tanta gente em busca de textos da Literatura onde se reconhecer e vivenciar estética, autoestima e pertencimento. O sonho, a alegria, pelo conhecimento através do livro, levam seus leitores ao direito de sonhar, e a seus estudiosos à busca de traços que levem ao encontro de novas autorias que narrem a luta diária do povo preto pela sobrevivência e ao reforço de uma narrativa com autoria claramente negra. (SALGUEIRO, 2020, p. 102)

A formação de identidades nas diásporas de experiência colonial está intrinsecamente ligada à tradução, visto que o contato dos povos deslocados à força se deu, em parte, pela necessidade de “aceitação” da língua/cultura do colonizador com objetivo de sobrevivência. As narrativas de origem afro – neste momento, em recorte afro-americano e afro-brasileiro – se tangenciam pelas suas semelhanças e diferenças, dados os diferentes desdobramentos de suas experiências coloniais. É importante sempre ressaltar que tais processos não se deram de forma homogênea e igualitária: daí a geração de resultados e reflexos diferentes em espaços geopolíticos diversos. A consolidação da literatura feminina produzida por escritoras pretas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, é resultado de uma trajetória de produções literárias realizadas por mulheres negras, ao longo da história de cada país. A literatura hifenizada é racialmente carregada e expressa a negritude não somente pelos temas abordados, mas pela fala, pela escrita e pela linguagem em si mesmas, que são marcadas pelos traços sofridos das relações raciais que atravessam séculos. Utilizando diferentes mecanismos e estratégias, a produção das escritoras afro-americanas e afro-brasileiras dialoga e se toca em elementos de resistência e combate às opressões e preconceitos de classe, raça e gênero.

No caso dos Estados Unidos, a literatura negra contou com precursores que viveram a experiência da escravidão, como a poeta Phillis Wheatley (1753-1784), no século XVIII, e autores e autoras que retrataram os horrores do período através das *slave narratives*, especialmente no século XIX. As *slave narratives* – autobiografias escritas por ex-escravizados/as afro-americanos/as no período do vigor da escravidão – tiveram, em sua maior parte, a produção de intelectuais masculinos como Frederick Douglass, entre outros. No entanto, a formação do gênero *slave narrative* teve a essencial contribuição de autoras como Harriet Jacobs, mulheres que, além de denunciar os absurdos da escravidão, ousaram entrar em questões “privadas” como a violência sexual, por exemplo. As *slave narratives* não eram somente um projeto abolicionista, mas foram consubstanciadas em obras literárias, em que, além de reafirmarem a humanidade, a identidade e a intelectualidade do homem e da mulher negro/as, abriram caminho para a Literatura Negra estadunidense do século XX.

A arte afro-americana no início do século XX caracterizou-se fundamentalmente por retratar a condição do homem e da mulher negro/a em um país paradoxalmente moderno e conservador. Embora a Lei da Emancipação tivesse

ocorrido em 1863, cidadãos e cidadãs afro-americanos/as ainda viviam, na primeira metade do século XX, situações idênticas ao período escravista: forte segregação, punições físicas (linchamento), subalternização, violação de direitos humanos – tudo isso protegido por lei. Nesse sentido, poetas, contistas, pintores, músicos e demais artistas de movimentos como o *Harlem Renaissance*, por exemplo, denunciaram, sobretudo o racismo que dominava a chamada “América” próspera e moralista.

Embora não tão visibilizada no exterior, uma das autoras de destaque no período é Nella Larsen (1891-1964), expoente do Renascimento do Harlem e uma das principais escritoras do período. Descendente de imigrantes afro-caribenhos das Índias Ocidentais Dinamarquesas (antiga colônia daquele país europeu) e com padrasto dinamarquês, em suas obras, Larsen, a partir de sua própria história de vida, trabalhou, sob perspectiva inovadora, questões relativas à realidade das relações inter-raciais nos Estados Unidos, chamando atenção para problemática racial real e perturbadora. Dois romances de impacto – *Quicksand* (1928) e *Passing* (1929) – lidam criticamente com questões de identidade de gênero e racial, contribuindo para o estudo das consequências do colonialismo e da escravidão, pilar do Capitalismo,

em seus impactos nefastos sobre seres humanos, vidas e sociedade, e da questão do chamado *colorismo*, termo utilizado para diferenciar diferentes tonalidades da pele negra, fonte de mais preconceito, a partir da percepção de que tais tonalidades permitiriam a inclusão ou a exclusão na sociedade. Reconhecida como sendo a primeira romancista do Renascimento do Harlem, bem como importante figura do Modernismo nos Estados Unidos, Larsen é nome a ser destacado na primeira metade do século XX. No decorrer da segunda metade do século, especialmente a partir dos anos 1960, a arte afro-americana intensificou sua militância e produção artística.

Entre as autoras afro-estadunidenses atuantes até esse início de século XXI, Maya Angelou (1928-2014) se destaca como uma das mais importantes intelectuais negras na literatura contemporânea. Poeta, autobiógrafa, dramaturga, produtora, atriz e ativista dos direitos civis, Maya Angelou expressou em suas obras, entre diversos temas, questões raciais, de direitos humanos e civis, bem como questões da mulher negra nos Estados Unidos. Em 1969, publicou *I Know Why the Caged Bird Sings* (na tradução para o português do Brasil, *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*), sua aclamada autobiografia, na qual descreve o preconceito racial e o abuso

sexual vividos na infância, com impacto gigante em seu país e no exterior. Angelou firmou seu nome na luta dos Direitos Civis, lutando ao lado de importantes ativistas como Malcolm X e Martin Luther King Jr. A significância de Angelou para o movimento negro nos Estados Unidos se reflete fortemente na contemporaneidade, tendo a autora recebido do então Presidente Barak Obama a importante *Medal of Freedom* (2010), em reconhecimento por sua extrema relevância.

Outro nome de enorme pujança na literatura feminina afro-americana contemporânea, considerado por muitos o maior, é Toni Morrison (1931-2019). Escritora, editora, professora e ensaísta, Morrison estreou como romancista em 1970, com *The Bluest Eye* (na tradução para o português do Brasil, *O Olho Mais Azul*). Entre vários prêmios recebidos na carreira, destaca-se o *Prêmio Pulitzer* em 1988 por *Beloved* (na tradução para o português do Brasil, *Amada*). A consagração máxima viria quando Morrison recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1993, tornando-se a primeira escritora negra a receber tal premiação. A relevância de Morrison na literatura negra estadunidense se dá especialmente pela construção de personagens femininas de extrema força e complexidade, provocando uma reflexão sobre a imagem e o papel da mulher negra

em uma sociedade altamente marcada pela diferença. Em *The Bluest Eye*, por exemplo, a autora questiona o conceito, até então considerado como único e majoritário, de beleza nos Estados Unidos – branco, loiro e de olhos azuis –, internalizado pela própria comunidade negra, em especial por Pecola Breedlove, protagonista do romance, que rejeita a própria identidade e recorre a um desejo obsessivo de ter olhos azuis – símbolo máximo da beleza eurocêntrica. Em contrapartida, a personagem Claudia MacTeer, ao destruir bonecas loiras, inicia um ato de resistência contra a imposição estética da sociedade estadunidense. Toni Morrison, em sua rica e vasta obra, materializa significativas personagens que tratam de questões contemporâneas, resgatando temas como a escravidão, o Harlem dos anos 1920 e a condição da mulher e do homem afro-americana/os no período pós-emancipação.

Assim como Angelou e Morrison, seguindo o percurso de uma arte de militância, Alice Walker (1944-) consolidou seu nome nas referências da literatura feminina afro-americana. Romancista, poeta, ensaísta e ativista social, Alice Walker tem produzido considerável obra com romances, coleções de contos, livros de literatura infantil e volumes de ensaios e poesia. Walker alcançou notoriedade em 1981, com o romance

The Color Purple (na tradução para o português do Brasil, *A Cor Púrpura*), que recebeu o *Prêmio Pulitzer*. Além de se dedicar à literatura, Alice Walker atua como ativista pelos direitos do homem e da mulher negro/as nos Estados Unidos e no mundo. Suas obras versam especialmente sobre a liberação sexual feminina, maternidade, violência doméstica e outras questões femininas, bem como questões raciais. Tal como na obra de Morrison, a imagem da mulher negra estadunidense ganha ressignificado na escrita de Alice Walker. Questões como opressão masculina, abuso sexual, incesto, homossexualidade, ancestralidade, resgate da memória africana, entre outros, estão presentes em seus contos e romances. Em *The Color Purple*, a autora problematiza questões complexas na voz de mulheres completamente distintas, apesar da experiência e memória coletiva que as une. A personagem Celie, apesar de vivenciar o trauma da violência doméstica e sexual, descobre sua própria identidade ao assumir uma relação homoafetiva com Shug. Sofia, ao esmurrar o prefeito, reage não somente contra a violência masculina, mas principalmente contra o abuso de uma sociedade dominada por homens e mulheres brancos/as. Em sua totalidade, a literatura afro-americana instiga uma reflexão sobre a relação da mulher negra com sua própria comunidade, bem como sua relação com a sociedade dominante.

No Brasil, entre tantas escritoras nessa luta, a *escrevivência*, na expressão de Conceição Evaristo, da literatura afro-brasileira leva adiante, com resistência e resiliência, toda uma herança cultural marcada pela ancestralidade e ameaçada de completo apagamento pela cultura hegemônica. A negritude é marca consciente e inconsciente, carregando as narrativas que, pela abordagem criativa da literatura, podem ser resgatadas, recriadas e preservadas. O texto literário atua, então, como ferramenta poderosa de transformação das múltiplas experiências raciais em potencialidades na construção de novas epistemes multiculturais. Os temas da maternidade, da tradição e da identidade são apenas três dos muitos tópicos abordados pelas escritoras afro-brasileiras contemporâneas. Os elementos criativos, afirmativos e subversivos expressos em suas obras são formas de resistência, destinadas a combater o racismo e o sexismo.

Importante ouvirmos a voz de uma crítica literária afro-americana, a pesquisadora Dawn Duke, especialista em Literaturas Afro-latino-americanas, acerca da escrita *afrofeminina*, tal como por ela intitulada, no Brasil:

Quais seriam as fontes de inspiração ou esferas de influência que motivam essa produção? [...] Sem dúvida, cada escritora desenvolve as suas próprias motivações e esferas de participação sociocultural. A

escritora, consciente dos efeitos negativos globais da discriminação racial, consciente do valor simbólico e real para sua produção textual, tende a manifestar certos tipos de interesses estéticos [...] com plena participação na produção de poesia, prosa e artes visuais que a identificam e lhe permitem sustentar um discurso conhecido por sua característica em tensões e crítica. (DUKE, 2016, p. 14)

A partir de suas vidas e de sua História, dentro de sua luta, as escritoras retratam a razão e o coração da mulher preta brasileira e se estabelecem com o tempo como referência obrigatória no panorama da literatura contemporânea de seu país. Sempre combativas contra a discriminação, nossas escritoras adotam específicas e diferentes estratégias de ação em sua luta. No entanto, com recorrentes pontos em comum: em trajetórias próprias, porém céleres e sólidas, que as consolidam e se desdobram no cenário literário, ao, por exemplo, forçar uma rediscussão do cânone, com a utilização da arte da palavra – uma contribuição definitiva a partir de projeto estético, político e ético em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual.

Nessa ótica, é importante sempre lembrar Cristiane Sobral (1974-), nascida no Rio de Janeiro, poeta, contista, atriz, dramaturga e arte-educadora. Foi a primeira mulher negra a se graduar em Interpretação Teatral na Universidade

de Brasília, em 1998, e publica poemas e contos desde 2000 nos valorosos e relevantes *Cadernos Negros* – fundamental referência para a escrita afro-brasileira desde 1978. Entre seus livros publicados, destaca-se seu livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos* (2011), um marco na literatura afro-brasileira feminina. O poema que dá nome ao livro, especificamente, lida com a ressignificação da posição da mulher negra, de subalterna à consciente de suas potencialidades e das injustiças impostas pelas práticas coloniais e suas heranças perversas. Quebrando os muitos silêncios dos papéis impostos às mulheres negras, o poema denuncia, ao mesmo tempo, opressões de classe, gênero e raça: “Não vou mais lavar os pratos / [...] Sinto muito. Comecei a ler / Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi / [...] e sinto que posso começar a ser a todo instante” (SOBRAL, 2011, p. 23-25).

Sempre em busca de conceituações claras e dentro do foco dos Estudos Literários, lembramos, na sequência, as palavras de Eduardo de Assis Duarte, junto de Maria Nazareth Soares da Fonseca, sempre uma referência em nosso trabalho acerca da Literatura Afro-brasileira:

Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral

afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE; FONSECA, 2011, p. 385)

Celebrando e relembrando a força, a diversidade e o potencial da literatura afrodescendente no Brasil, cabe citar outra produção de alta relevância de Eduardo de Assis Duarte: a antologia de literatura e textos críticos de autores e autoras afro-brasileiros, de sua organização, publicada em 2011 e composta de quatro volumes, *Literatura e afrodescendência no Brasil*, sendo o volume terceiro coorganizado com Maria Nazareth Soares da Fonseca. Fruto de cuidadosa pesquisa realizada em todas as regiões do Brasil, trata-se de um trabalho intenso de mapeamento e estudo da literatura produzida pelos afro-brasileiros desde o período colonial do país. A organização da Antologia envolveu cerca de sessenta e um pesquisadores, vinculados a instituições de ensino superior, nacionais e estrangeiras, e apresenta cem escritores/as de origens diversas em tempo e espaço brasileiros. Como recorte amplo e sólido da literatura afro-brasileira, é um importante

passo para um maior reconhecimento da produção literária afrodescendente no Brasil.

Passando a duas jovens pesquisadoras, críticas literárias afro-brasileiras, ouçamos as vozes de Fernanda R. Miranda e de Mirian Cristina dos Santos. No que tange os romances de autoras negras brasileiras, Fernanda Miranda, em trecho do Epílogo da sua importante obra *Silêncios prEscritos – Estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*, assim se posiciona:

A roda nos abre caminhos. De entender e se movimentar. Cada personagem, tessituras cujos sentidos dialogam com o real – e com os imaginários – que nos atravessa(m) agora. A roda não é de hoje, e só aumenta quando entramos nela. A roda (em movimento) articula uma inteligibilidade insubmissa: torna visível e supera a tradição da colonialidade brasileira, por meio da escrita ficcional da mulher negra. (MIRANDA, 2019, p. 322)

Mirian Cristina dos Santos, no capítulo final (“A Literatura enquanto espaço de luta: à guisa de conclusão”) de seu também importante livro *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea*, trabalhando a partir do conceito de “Literatura negro-brasileira”, cunhado pelo poeta Cuti (2010), finaliza seu texto referindo-se à sempre presente questão dos corpos negros femininos nas obras literárias:

No que concerne à proposta de ressignificar o corpo negro feminino, problematizando os espaços por ele ocupado, bem como considerando os impactos do racismo e sexismo no cotidiano das mulheres negras, observa-se a aproximação dessa literatura negrofeminina com a agenda do feminismo negro. (SANTOS, 2018, p. 232)

Nesse contexto, reforçando a literatura feminina e trabalhando questões do feminismo negro, como exemplo, partindo da riqueza dos textos, da amplitude dos ensaios, tomamos Lélia Gonzalez e a afirmação que sempre lembramos em aula, palestras e artigos, de que seus escritos ainda carecem de estudos mais aprofundados, tal como apontado por Angela Davis, em sua visita ao Brasil em 2019:

Eu me sinto estranha quando sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. E por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Eu acho que aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês poderiam aprender comigo. (DAVIS, 2019)

Ao falecer em 1994, Lélia já havia antecipado questões relevantes e amplamente discutidas hoje, fazendo a interseção de raça e gênero e buscando uma visão latino-americana – ou da Afrolatinoamérica/América Latina – da questão. Deixou forte legado na vida brasileira que permite um olhar diversificado sobre a literatura brasileira, como

apontam várias autoras negras contemporâneas no Brasil, entre elas a nossa grande Conceição Evaristo, reivindicando uma herança plural pouco citada na escrita hegemônica. Dentro desse escopo, Conceição é expoente dentro do grupo de mulheres intelectuais negras, detentoras no campo da literatura, à custa de muita luta, resiliência e resistência, de lugar que se solidifica, com cada vez mais celeridade no presente, no Brasil e no exterior, pelas crescentes traduções de suas obras, dados, contexto, renovações e questionamentos históricos que se vivenciam, dia a dia, em meio às atribuições desta terceira década do século XXI.

São autoras que enfrentaram enormes barreiras seculares contra – ao menos – uma dupla exclusão social: a de serem mulheres e negras. Romper a barreira mencionada e tornarem-se potências, criativas e dominadoras da arte da palavra, constituiu-se ao enfrentar de frente o racismo, em uma sofrida, porém, aos poucos, vitoriosa ação. Evaristo trabalha a segregação socioespacial do território urbano, periférico e agrário no Brasil, a partir da lógica do racismo, das desigualdades, dos serviços precários e ultrajantes, da vida sem perspectiva, da carência de afetos, em formato pleno de referências culturais, que apresentam momentos fortes de uma cultura que, no presente, busca se reconstituir.

Suas *escrevivências* reverenciam as ancestrais, trazendo uma escrita de avanço das frentes abertas por Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) na estética literária feminina negra na literatura brasileira. No presente, sua voz se junta ainda às de autoras como a da já citada, Cristiane Sobral, além de Miriam Alves e mais recentemente à da premiada Ana Maria Gonçalves, com seu *Um defeito de cor*, e à de Eliana Alves Cruz, em especial, após *O crime do Cais do Valongo*, que, em meio a sua narrativa, mostra com clareza ao leitor que o verdadeiro crime, no caso, foi/é a escravidão.

Quanto a esse último lócus literário citado – e não só referente a ele, mas aos deslocamentos de escravizados, à escravidão – crime brutal, pilar dos avanços do capitalismo, e central no estudo das literaturas do trânsito e do exílio forçado – e ao papel da literatura nesse contexto, leiamos Eurídice Figueiredo, ao trabalhar relevantes enfoques nas Américas:

Na Martinica, antes de Chamoiseau, escritores como Aimé Césaire e, sobretudo, Edouard Glissant prospectaram o terreno da escravidão. Esta questão histórica é crucial porque, como afirma Glissant, não há propriamente mitos cosmogônicos que os expressem; se existe uma origem para os antilhanos, esta estaria no ventre do navio negreiro. Glissant considera que, como a história foi rasurada, o escritor deve escavar

a memória em busca de vestígios; como o tempo foi estabilizado numa não-história imposta, o escritor deve contribuir para restabelecer uma cronologia atormentada. Assim, ele conclui que a história enquanto consciência atuante e a história enquanto vivido não são assunto só para os historiadores. Recontar literariamente esta história sobre determinada pela escravidão é criar ficções que deem conta de um certo ambiente, forçosamente imaginário, através da utilização de diferentes formas de arquivos a fim de reconstituir a memória cultural do país. (FIGUEIREDO, 2009, p. 35)

Importante aparato metodológico nos traz a literatura comparada para lidar e refletir sobre tais desafios na literatura do presente – e até em textos que, de alguma forma, já antecipavam tais fatos. Por exemplo, tendo como foco outra escritora da diáspora africana, Jamaica Kincaid (1949-), autora natural de Antígua, no Caribe de língua inglesa, ao trabalhar a construção da identidade feminina em suas obras, provoca, particularmente, a identificação por parte de um contingente de leitoras vivendo em situação semelhante, e se torna referência para o estudo desse tema em obras literárias caribenhas, expressando a voz de personagens desconhecidas em obras canônicas. Ao subverter e questionar o cânone literário, se junta a outras escritoras que dão novos moldes à literatura contemporânea afro-diaspórica.

No caso de Kincaid, na medida em que, em seu país natal, a população negra é majoritária, a autora só veio a se dar conta de que sua cor poderia ser entendida como forte marcador de desigualdade ao ser enviada por sua mãe para trabalhar nos Estados Unidos, em 1966, aos dezessete anos. A partir daí, ao elaborar a construção da identidade, em suas obras, as personagens se negam a serem reduzidas a categorias raciais que desembocam em relações de poder. Ao descobrir a escrita como uma forma poderosa de expressão, luta, resistência e manifestação artística, Kincaid privilegia o corpo feminino e a sexualidade em seus livros, denuncia todo um mecanismo de dominação masculina e patriarcal, e contribui para a desconstrução de discursos desenvolvidos e aceitos como verdades sobre o que seria o feminino.

Pertencer a dois mundos gera um conflito identitário que atinge a própria autora, em dificuldades para determinar quem é seu público leitor: falantes brancos de língua inglesa, que pouco interesse teriam a seu respeito – por sua origem colonial, filha de camponeses pobres –, ou seus conterrâneos de Antígua, de onde foi ‘banida’ informalmente, em 1985, pelos adversários de sua escrita, considerada ofensiva. Nas palavras de Kincaid: ‘À medida que escrevo, me interessa cada vez menos pela aprovação do primeiro mundo, e como nunca tive a aprovação do mundo de onde venho, não sei bem onde estou. Sou mais uma vez uma exilada’. (FERGUSON, 1993, p. 51)

Em suas obras *Lucy* (1990) e *A autobiografia de minha mãe* (1996), são trabalhados, com o lirismo e a força narrativa de Kincaid, elementos autobiográficos em personagens complexas que buscam sua identidade, seja nas escolas do colonizador com currículos que buscam apagar cultura e história nativas, seja nas procuras de formas de sobrevivência, ou em debates identitários com seus nomes, tal como a própria Kincaid, nascida Elaine Potter Richardson, e que mudou de nome ao começar a escrever. Nelas, a escritora, mais uma vez, ao longo de sua obra, demonstra como os movimentos diaspóricos e as relações familiares influenciam na construção de identidades femininas: sempre partindo do desejo das protagonistas de fugir da opressão patriarcal, Kincaid descreve suas personagens ao passar por períodos de descobertas não só a respeito de si próprias, mas também das sociedades em que vivem e das relações interpessoais em família.

Próximo à conclusão, no campo das perspectivas, não poderíamos deixar de mencionar o papel e a força na contemporaneidade das batalhas de poesia falada – ou, em outras palavras, os festivais de *slam* poetry/poesia *slam* –, manifestações literárias orais em que um outro olhar sobre as periferias busca ser construído pelos próprios habitantes

desses territórios. Atualmente, cada vez mais em redes e viajando mundo afora para competições internacionais, solicitam para os campeonatos o apoio de pesquisadores do campo e de tradutores que possam facilitar a mediação com o público local.

Além dos desafios no conteúdo a ser traduzido, para o qual, anualmente, se criam grupos de estudo e pesquisa contemporâneos *online* de nomes, referências a lugares, canções, fatos, correspondências, há – nessa reescrita, nesse choque de realidades e culturas – a questão a não ser jamais negligenciada da oralidade, do ritmo, das possíveis rimas, em língua portuguesa do Brasil no caso de nosso país, e de se fazer compreender na língua alvo para não prejudicar os competidores estrangeiros a serem julgados por jurados brasileiros, terminando em uma construção de muitas vozes em uníssono para um produto final, em concreto processo de transculturalização, remetendo ao jogo polifônico propriamente dito. (SALGUEIRO, 2021, p. 64)

A *Slam Poetry/Poesia Slam* – batalhas de poesia falada que se multiplicam nas periferias globais e do Brasil afora – é hoje considerada um dos movimentos mais enérgicos da poesia contemporânea, com vozes quase totalmente negras, majoritariamente femininas, trazendo a força da tradição oral, acrescida da performance vocal e corporal,

trabalhando temas relevantes na contemporaneidade, como gênero, (in)justiça social, racismo, economia e política, versando sobre questões de impacto no presente, e se constituindo em manifestações que projetam identidades e individualidades colocadas à margem em um mundo que se diz globalizado, e onde, pelas lógicas de mercado hegemônicas, as riquezas se concentram cada vez mais nas mãos de menos gente. Espalhando-se pelo mundo, a *Slam Poetry* oferece a possibilidade da conexão direta entre autor e público de maneira imediata e intensa, sendo uma poderosa plataforma de expressão criativa (SOMERS-WILLET, 2009, p. 37).

A chegada da pandemia em 2020 e o agravamento de tensões geradas pela desigualdade mundial e pelo racismo trouxeram novos formatos para a poesia *slam*, impossibilitada, lamentavelmente, na maioria das vezes, do contato próximo a seu público – ponto tão importante em sua caracterização. Os poetas *slam*, em suas apresentações, se colocam como autores, críticos e inspiradores de gerações mais jovens que encontram um modelo no qual se reconhecem. E muitos dos tradutores a que nos referimos são intelectuais negro/as recém-graduado/as que vêm se ocupando dos desafios de mais esse campo

do saber. Novos tempos, autores, autoras, tradutores e tradutoras, conduzido/as por sólidas gerações anteriores; ancestralidade, viagens, novas configurações, corpos em transformação, saberes. Autores/as e tradutores/as que problematizam tais relações em busca de uma nova forma de intelectualidade negra que interfira direto na realidade.

Ancestralidade e oralidade – dois conceitos que não podem ser desmembrados ao se falar da poesia *slam*. É aquele “vamos contar nossa história”, gritado por tantos *rappers, slammers*, autores/as de poesia oral, quando soa o alerta sobre a importância de os povos se narrarem, dos perigos de ter sua história contada por outros ou até mesmo do risco de essas histórias caírem no esquecimento ou no silenciamento. Lidar com oralidade implica lidar com repertório literário que leva a outras perspectivas e sensibilidades, a nova quebra de paradigmas. A um discurso que aumenta e que fala da importância da equidade racial para o desenvolvimento do país, que não vai avançar enquanto não enfrentar com seriedade o racismo estrutural. Ou como diz Conceição Evaristo em entrevista que bem pode ser aqui citada: “A oralidade me preparou essa sensibilidade para colher os fatos do mundo” (BORGES, 2018). Desde cedo ouvindo histórias, essa vivência já era

nascença da *escrevivência* – já mencionado conceito da importante autora e sempre esclarecedor nesse campo.

Em tal contexto, as migrações são tema fulcral da realidade pós e decolonial dos textos de resistência diante dos desafios do mundo dito global (BEVERLY, 2004, p. 32). Em grande parte, tal realidade se refere às pessoas negras e trata de

- a) identidade, exílio, memória, traduções/mediações, translocalidades;
- b) grandes centros e periferias;
- c) gênero, raça/etnia, classe social;
- d) Ocidente e Oriente;
- e) os fluxos Norte – Sul e Sul – Norte;
- f) as desigualdades, o racismo e a fome, a falta de sistemas de saúde – os dramas pós/pandêmicos.

O papel que a memória tem nesse contexto é fundamental. Memórias fragmentadas servem, em inúmeros momentos, como materialidade cultural e histórica para a recuperação e a sobrevivência ancestral. Além disso, a importância da memória cultural recuperativa (ERLL, 2011) – e presente – implica o esforço dos/as autores/as para desafiar a compreensão do eu poético e da comunidade em geral.

Estudos anteriores levados a cabo por nós, ao observar como a negritude – ou “o ser negro” – se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos e geopolíticos, observam relações de poder, processos de construção identitária colonial, pós-colonial e decolonial, o surgimento de cânones literários, hegemonia cultural e globalização, desmistificando espaços e mostrando a tradução como atividade que ocorre não em um espaço neutro, mas sim em situações sociais e políticas concretas (SALGUEIRO, 2014).

Em se tratando do Brasil, não podemos encerrar sem citar o papel e o impacto de grupos de poesia *slam* que vêm contribuindo para a revisão do passado colonial, focando no presente e lançando olhares para o futuro, abrindo perspectivas e enfoques novos de olhares negros sobre essas manifestações literárias que valorizam a oralidade: o *Slam da Guilhermina*, em São Paulo, o *Slam BR* e a competição anual organizada pela FLUP, a *Festa Literária das Periferias*.

Encerramos com a citação da grande Conceição Evaristo, já há alguns anos, na conceituação do termo *escrivivência*, como já classificado por nós, um “conceito literário de identidade afro-brasileira” (SALGUEIRO, 2020, p. 96-113), em trecho extremamente pertinente no que diz respeito a enfoques e perspectivas teórico-críticas das literaturas afro-

diaspóricas femininas, em espaços geopolíticos específicos das Américas na contemporaneidade:

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança [...] Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra. Na escrita busca-se afirmar as duas faces da moeda num um [sic] único movimento, pois o racismo como lucidamente observa Sueli Carneiro, (op., cit. 51) ‘determina a própria hierarquia de gênero em sociedades como as latino-americanas, multirraciais, pluriculturais e racistas’. (EVARISTO, 2005, p. 202-205)

Referências

- ANGELOU, Maya. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Random House, 2015.
- BEVERLY, John. *Subalternity and Representation – Arguments in Cultural Theory*. Durham and London: Duke University Press, 2004.
- BORGES, Juliana. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande. *Entrevista com Conceição Evaristo*. 2018. Disponível em: <https://nosmovimenta.com.br/index.php/2018/04/30/nos-nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande/>. Acesso em: 19 maio 2023.
- CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. *Em São Paulo, Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras*. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>. Acesso em: 3 ago. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares da. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica v. 3 – 4 Volumes*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

DUKE, Dawn. *A escritora afro-brasileira – Ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

ERLL, Astrid. *Memory in Culture*. Translated by Sara B. Young. London: Palgrave/Macmillan, 2011.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, p. 201-212, 2005.

FERGUSON, Moira. *Colonialism and Gender: From Mary Wollstonecraft to Jamaica Kincaid*. New York: Columbia University Press, 1993.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Afetos e arquivos da escravidão*. Alea: Estudos Neolatinos. Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras da UFRJ, v. 11, n. 1, jan./jun., p. 35-47, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/i/2009.v11n1/>. Acesso em: 5 ago. 2023.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

KINCAID, Jamaica. *Lucy*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1994.

KINCAID, Jamaica. *A autobiografia da minha mãe*. Tradução de Débora Landsberg. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios preEscritos – Estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro, Malê, 2019.

MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORRISON, Toni. *O Olho Mais Azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Traduzindo literatura da diáspora africana para a língua portuguesa do Brasil: o particular, o pós-colonial e o global*. Cadernos de Tradução, p. 262-273, 2014.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro, RJ: MINA Comunicação e Arte: ITAU Social, p. 96-113, 2020.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Tradução de vozes da poesia contemporânea: a *Slam Poetry* em foco. In: Maria Aparecida Andrade Salgueiro. (Org.). *Estudos da Tradução em foco – Jornadas Casa Dirce/ UERJ*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 62-76, 2021.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOBRAL, Cristiane. *Não Vou Mais Lavar os Pratos*. Brasília, DF: Editora Dulcina, 2011.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. *The Cultural Politics of Slam Poetry: Race, Identity, and the Performance of Popular Verse in America*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009.

WALKER, Alice. *A Cor Púrpura*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986.

Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Pós-Doutora, Universidade de Londres/UCL, 2008.

Doutora em Letras, UFF, 2000.

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – campus Maracanã.

Pesquisadora 1D do CNPq; “Cientista do Nosso Estado”/FAPERJ; PROCIENTISTA UERJ/FAPERJ; Líder de GRPesq/CNPq “Discurso e Estudos de Tradução”; Coordenadora Geral do “Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César”; Líder de grupo de pesquisa no CEI/ESCRTRAD sobre Tradução, Mediação de Culturas e Estudos Interculturais, com inserção inovadora na FLUP (Feira Literária das Periferias); Membro do GT ANPOLL “A Mulher na Literatura”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1300582009831945>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7374-5746>.

E-mail: cidasal3@gmail.com.